

Tramas Coloniais

Episódio 1 - O que é colonialismo?

Transcrição

[INÍCIO DO EPISÓDIO]

[ÁUDIO]

- Amigos reunidos em volta de uma mesa jogando um jogo de tabuleiro e se divertindo, bebendo.

[RAQUEL]

Quando você distribui as cartas num jogo de tabuleiro, você nunca sabe exatamente o que vai acontecer. Mas dá pra imaginar que, se você reúne seus amigos em volta de um jogo vocês vão passar umas horas ali se divertindo, sem pensar muito na vida...

[RAQUEL]

Você, que tá aí ouvindo: a gente quer que você imagine essa cena. Pessoas de idades diferentes, reunidas em volta de um tabuleiro, se divertindo, comendo, bebendo... enfim, passando o tempo.

[ÁUDIO]

Pessoas falando em alemão.

[RAQUEL]

Só que na Alemanha... em 1885. O que essas pessoas tão jogando ali é uma espécie de avô do Banco Imobiliário. Aquela coisa de compra e venda, sabe? Só que a premissa desse jogo é um pouco diferente. A ideia ali não é comprar ou alugar imóveis. As cartas têm um fundo amarelado, com uma moldura, e cada uma traz uma ilustração bem caricata de um rosto. Na parte de trás, num fundo vermelho, tem o nome daquela pessoa e uma característica dela. Aí... alguém tira uma carta.

[ÁUDIO]

- Alguém tira uma carta do bolo).

[GABI]

John Prisso. Condenado à morte por incitar seus companheiros de tribo a se rebelarem contra os alemães. Mas posteriormente liberado do banimento.

[RAQUEL]

O jogador tem a escolha de eliminar aquela carta ou pagar dez fichas pra continuar.

[ÁUDIO]

- Alguém tira outra carta do bolo.

[GABI]

Njeka, a esposa de Prisso. Executa uma canção na língua Duala e recebe duas fichas pelo divertimento causado aos europeus presentes.

[RAQUEL]

Cada carta retrata um indivíduo do povo Duala, um poderoso grupo étnico que ocupava áreas litorâneas estratégicas em Camarões. Na época Camarões era reconhecido internacionalmente como um território de posse alemã na região centro-ocidental da África. O chamado Jogo de Camarões funcionava desse jeito... No fim, as cartas com as caricaturas racistas eram recolhidas, redistribuídas e descartadas, até que um jogador ficasse com a última carta. O vencedor era intitulado “O negro de Camarões”, que tinha mostrado a maior lealdade e os sentimentos mais pacíficos em relação aos colonizadores alemães.

[ÁUDIO]

- Pessoas rindo e se divertindo.

[RAQUEL]

Esse foi o primeiro de **muitos** jogos que criaram narrativas sobre as colônias europeias na África. A missão ali era penetrar no imaginário social europeu. A brincadeira representava, de um jeito lúdico, o pensamento colonial e as fantasias de dominação. Definir e explicar o que é colonialismo não é uma tarefa simples. Mas a metáfora dos jogos entrega boas pistas.

[RAQUEL]

Eu sou a Raquel Sirotti, e esse é o Tramas Coloniais, um podcast sobre a história do colonialismo. Uma imersão no passado pra tentar entender o presente e, quem

sabe, projetar o futuro. Nesses sete episódios, o nosso olhar se volta pro centro do mapa: A África.

[MÚSICA]

Tema de abertura.

[RAQUEL] + [GABI]

- Som ambiente do estúdio, alguém colocando água no copo.
- Danny: Posso arrumar o microfone aqui?
- Raquel: Sim.
- Danny: Ok. Tá ótimo.
- Raquel: Obrigada.
- Danny: Quando vocês quiserem.
- Raquel: Danny, tá gravando? Tô na distância correta? Tá. Vamos lá. Bom, antes de entrar no episódio, a gente vai te explicar o que você vai ouvir aqui. E eu digo “a gente” porque eu não tô sozinha, né, acho que já deu pra perceber pelo som do estúdio.
- Gabi: Oi, Raquel.
- Raquel: Oi, Gabi. Essa é a Gabriela Montoni, a voz dela já apareceu ali na abertura. É ela que vai me ajudar na apresentação do podcast.
- Gabi: Oi, gente, bom, vou me apresentar: sou historiadora, atualmente eu desenvolvo pesquisas sobre a história do Rio de Janeiro. E eu me interessou muito pela história da África e dos africanos. Tô ansiosa pra começar.
- Raquel: Eu sou a Raquel, eu moro em Frankfurt, na Alemanha, e eu trabalho como pesquisadora no Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito. Em 2020 eu comecei uma pesquisa sobre História do Direito na África, com foco em Moçambique no período colonial. E foi esse tema que acabou me levando a conhecer a Fernanda Thomaz, que é professora de História da África, e morou na Nigéria, em Moçambique, e ficou um tempo lá na Alemanha.
- Gabi: Você e Fernanda decidiram fazer o podcast, né?
- Raquel: Um podcast que tivesse a ver não só com as nossas pesquisas, mas com as nossas preocupações também, sabe? Preocupações acadêmicas, preocupações políticas. Só que a ideia de fazer um podcast sobre colonialismo já é em si uma questão atravessada pelo colonialismo, né? Por exemplo, eu sou uma mulher branca, Fernanda e Gabi são duas mulheres negras. Nós três somos brasileiras, de um país colonizado por europeus; a gente fala o idioma do colonizador, e a nossa ideia nasceu numa instituição acadêmica na Alemanha, que é um país colonizador.

- Gabi: É, mas o podcast também serve como uma autocrítica, né? Tipo, a gente tá produzindo conhecimento pra quem? A partir de onde? Com qual linguagem? Por isso a ideia aqui é olhar pro continente africano e ouvir pessoas do continente africano. Raquel e Fernanda fizeram muitas viagens pra ir atrás de arquivos, documentos, entrevistas.

- Raquel: É, eu viajei pra Moçambique algumas vezes, a Fernanda morou lá um tempo, ela foi pra Nigéria, eu fui pra Namíbia, pra Gana...

- Gabi: Gente, eu não quero dar muito spoiler, mas eu já ouvi as gravações das viagens, já li as pesquisas, sério, tem muita coisa surpreendente...

[Clipe com pequenos trechos das gravações que vão aparecer no podcast]

- Pessoas cantando no protesto dos madgermanes em Moçambique.

- Régulo Vovô Inhaca: Estás a ver, eu sou pobre, mas sou rei. Porque sou rei? Sou rei porque o espírito está a olhar a minha cabeça, não está a olhar a minha riqueza.

- Taxista em Moçambique: Porque eu nasci em 1963.

- Raquel: Ah, então o senhor pegou justamente essa transição, né?

- Taxista em Moçambique: Era difícil viver aqui como moçambicano.

- Trabalhador madgermane na praça: Um grupo de pessoas não tem direito de pagar a dívida de um país.

- Vendedora na Namíbia: They want to look nice, they want to be white (risos)

- Raquel: They want to be white.

- Raquel: E eu tô aprendendo literalmente o significado da palavra café da manhã colonial.

- Raquel: A gente tá na fila pra pegar o voo. Todos os passageiros e passageiras são alemães muito, muito brancos. Não tem nenhuma pessoa negra neste voo, nenhuma. É como se a gente estivesse tomando um avião pra ir pra uma colônia, praticamente.

- Raquel no museu: Can I have two tickets?

- Atendente do museu: For which exhibition?

- Raquel no museu: I would like to go to the African exhibition.

- Atendente do museu: Oh, for those you don't need any tickets.

- Raquel no museu: Ok.

- Atendente do museu: Just go upstairs.

- Fernanda: Eu vou entrevistar a senhora Safira. Quantos anos a senhora tem?

- Safira: Tenho 60 anos.

- Fernanda: Qual era a função dos seus pais naquela época, na época colonial?

- Safira: Meu pai era negociante, morreu a negociar peixe.

- Mulheres nyangas cantando no evento em Moçambique.

- Raquel: Enfim, a gente queria ouvir os sons desses lugares, ouvir as vozes das pessoas de lá, ouvir intelectuais da África, e pessoas de fora da academia também.
- Gabi: eu tô ansiosa pra ver como é que a gente vai contar essas histórias.
- Raquel: É, eu também, Gabi, tô curiosa pra ver onde isso vai dar. Mas vamos lá, vamos voltar pro episódio. Até porque a nossa primeira missão é responder uma pergunta bem complicada...

[MÚSICA]

Tema de transição.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

Episódio 1: O que é colonialismo?

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Para começar a responder à pergunta desse episódio, a Gabi vai descrever pra gente uma imagem bem conhecida dos livros de História.

[GABI]

Vamo lá. Pensa num homem branco de 70 anos, calvo, com sobrancelhas grossas e um longo bigode grisalho, vestindo uma farda com botões bem grandes. Ele tá em pé diante de uma mesa redonda, com o braço direito levantado, e uma faca na mão. Em volta dele, outros homens brancos de bigode, bem vestidos, com uma expressão meio apreensiva no olhar. Em cima da mesa, um bolo, repartido em fatias, com a palavra África.

[GABI]

Isso não é uma foto, é um desenho. Uma caricatura francesa publicada em 1885 no jornal L'illustration. Ela representa a Conferência de Berlim, que começou em novembro de 1884 e terminou em fevereiro de 85. O homem com a faca na mão é o chanceler alemão Otto Von Bismarck. Os outros são representantes de países europeus como França, Reino Unido, Portugal, Espanha, Itália e Bélgica, além do Império Otomano e até dos Estados Unidos.

[GABI]

Naquela conferência, o continente africano foi fatiado, e cada país colonizador ganhou o direito de explorar uma determinada área. Geralmente esse evento é apontado como o início da ocupação efetiva da África pelas nações europeias. Ali foram definidas as regras de administração das colônias. Inclusive qualquer nova ocupação precisava ser aprovada pelas outras potências. A caricatura do bolo ficou famosa nos livros didáticos.

[RAQUEL]

Mas a gente sabe que os livros didáticos quase sempre contam a história pelo olhar do colonizador, né? Na prática, o que aconteceu não foi exatamente aquilo. Primeiro porque a Conferência de Berlim foi só um dos eventos que definiram esses parâmetros da partilha da África. Segundo que partilha é uma coisa, e ocupação colonial é outra. O desenho faz tudo parecer muito simples e organizado, mas na verdade aquilo foi um processo longo e tortuoso. O processo de ocupação colonial levou cerca de 30 anos, e foi um período marcado por inúmeras resistências e negociações. Aquele bolo todo cortado era só pra ficar bonitinho nos livros. Dentro dos territórios, a sobremesa era mais indigesta...

[MÚSICA]

Tema de transição.

[ÁUDIO]

Volta o som das pessoas jogando o jogo de tabuleiro.

[RAQUEL]

Ali no fim do século 19, a indústria de brinquedos e jogos prosperou em vários países da Europa. Não foi por acaso. Enquanto os dados rolavam nos tabuleiros, a narrativa colonizadora ia se infiltrando no imaginário social. Com a Conferência de Berlim, a Alemanha ganhou suas primeiras possessões africanas, entre elas a região onde hoje fica a Namíbia e, claro, Camarões. O Jogo de Camarões, ou Kamerum-Spiel, que você conheceu no início do episódio, foi lançado naquele mesmo ano de 1885.

[MÚSICA]

Tema musical.

[GABI]

O território de Camarões foi dominado pelo Império Alemão de 1884 a 1916. A configuração territorial não era a mesma que a gente conhece hoje. De início a região foi declarada como um protetorado, e em 1901, como uma colônia. Quase duas décadas depois, isso mudou. Como a Alemanha saiu perdedora na Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes repassou a colônia pros britânicos e pros franceses. Na segunda metade do século 20, depois de um monte de conflitos, a região dominada pela França conquistou a independência, constituindo a República de Camarões em 1960. No ano seguinte, a região sob domínio britânico foi declarada parte da República, e até hoje luta para ser reconhecida como uma nação independente.

[RAQUEL]

Ou seja, cenários complexos, geopolítica caótica... E os jogos eram uma maneira de reforçar o pensamento colonial. Cinco anos depois do Jogo de Camarões, foi lançado outro passatempo de tabuleiro pros jovens: O Jogo das Colônias Alemãs.

[GABI]

Esse jogo tinha o desenho gráfico e o roteiro mais sofisticados. Ele era vendido como... abre aspas... “uma viagem de alegria e descoberta pelas colônias”... fecha aspas. No tabuleiro, a pista vai serpenteando um mapa-múndi com a imagem da águia imperial. Cada jogador é um viajante alemão com uma quantia em dinheiro. No sul da Namíbia, por exemplo, comprar a pele de um antílope recém-abatido custa dois marcos. Pelo mesmo valor dá pra testemunhar danças indígenas na Nova Pomerânia e nas Ilhas Salomão, onde um feiticeiro conta histórias acompanhado por uma trilha sonora. Vence o jogo e leva todo o dinheiro do caixa quem desembarcar primeiro na China. A ideia do jogo não é só ficar rico em dinheiro, mas também em conhecimento sobre as colônias. Por isso tantos jogos com essa temática foram lançados não só na Alemanha, mas em nações como Bélgica, França e Inglaterra.

[RAQUEL]

Só que definir e explicar o que é o colonialismo não é uma tarefa que você resolve lançando dois dados na mesa. Bom, não por acaso a gente tá aqui nessa missão junto com você e com tantas pessoas importantes que vão aparecer nos próximos episódios. Ali na virada do século 19 pro 20, os colonizadores usavam todas as armas narrativas: jogos, reportagens, novelas, literatura, cinema... tudo isso ajudava a consolidar o pensamento colonial. Mas não bastava exaltar os feitos europeus. Pra justificar a empreitada dos colonizadores, era preciso também criar uma imagem

pejorativa dos colonizados. A África era pintada como um mundo exótico que precisava ser dominado. E isso nem era uma estratégia inédita. Cinco séculos antes de Cristo, Heródoto já tratava os etíopes, por exemplo, como selvagens que deviam ser caçados.

[ÁUDIO]

Efeito sonoro de página virando.

[CAIO SANTOS]

Esses garamantes saem com seus carros de quatro cavalos à caça de trogloditas etíopes, pois os trogloditas etíopes são os corredores mais rápidos sobre os quais já ouvimos contar histórias.

[RAQUEL]

Essa voz é do Caio Santos, ele vai acompanhar a gente em algumas leituras por aqui.

[CAIO SANTOS]

Eles se alimentam de serpentes, de lagartos e de répteis do mesmo gênero. Não falam uma linguagem parecida com qualquer outra, e emitem gritos agudos como os dos morcegos.

[RAQUEL]

Pras famílias europeias que nunca pisaram em solo africano, a narrativa que trata o colonizado como uma aberração selvagem justifica todas as violências do processo de ocupação. É a face mais nefasta do colonialismo: a desumanização do outro. De um lado os africanos bárbaros, primitivos, perigosos, inferiores... do outro, os europeus civilizados, racionais, benevolentes, superiores. Mas quando o colonizador desumaniza o colonizado, ele também desumaniza a si próprio. Tudo vira um grande mar de brutalização. Talvez essa seja uma maneira de começar a responder a pergunta do título desse episódio, né? O que é colonialismo?

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL] Se a gente for buscar a origem da palavra colonialismo, o significado passa por organização... arranjo... Vem do termo “colere” em latim, que remete a

cultivar ou conceber. Mas cá entre nós... essa definição soa pacífica demais diante da experiência colonial histórica, né?

[ÁUDIO]

Som do jogo de tabuleiro.

[RAQUEL]

Na prática, a gente cai num gigantesco tabuleiro de WAR, com os impérios avançando, e as peças se movendo na marra de um território pro outro. É um sistema opressivo, racista e desigual, com ideias baseadas na exploração econômica, política, cultural, social e jurídica daqueles que são percebidos como “os outros”. É isso, assim caminha a humanidade, desde sempre.

[ÁUDIO]

- Sonorização de batalha.

[GABI]

O Império Romano, no seu auge, ia desde o território onde hoje fica a Armênia, na Ásia, e varria pedaços enormes da Europa e da África, até chegar no Oceano Atlântico. O Império Asteca se estabeleceu entre os séculos 14 e 16, quando um grupo étnico do Vale do México subjuguou os outros povos que viviam ali. Entre os séculos 15 e 16, Portugal e Espanha avançaram sobre territórios nas Américas, na África e na Ásia, abrindo as portas para dois dos maiores genocídios da história moderna: das populações indígenas e dos africanos escravizados.

[RAQUEL]

A dominação, a exploração e a opressão tão presentes em todos esses casos. Mas o tabuleiro do colonialismo não é sempre igual. Até o tempo é diferente em cada processo. Nas Américas, foram mais de 300 anos. Na África, embora os europeus tenham invadido e dominado alguns territórios desde o século XV, o período mais intenso do colonialismo durou menos de um século, ali do fim do século 19 até meados do século 20. E isso não significa que foi uma época menos intensa ou menos dolorosa do que em outras partes do mundo. Até porque antes disso já tava em curso um outro processo de dominação: a dominação econômica e política conduzida pela Europa, que já tinha vivido a Revolução Industrial. Então o colonialismo na África envolve três ações que não podem ser vistas de forma

isolada - e quem destaca esses três pontos é o filósofo e escritor congolês Valentin-Yves Mudimbe.

[CAIO SANTOS]

1. O domínio do espaço físico, por meio dos procedimentos de aquisição, distribuição e exploração de terras;
2. A reforma das mentes nativas através da realização de políticas para domesticar os nativos;
- e 3. A integração de formas econômicas locais a partir do modelo ocidental, ao inserir novos modos de produção.

[RAQUEL]

Esses três pontos ajudam a entender a estrutura colonizadora na África, com seus aspectos físicos, humanos e espirituais. Mas é claro que do outro lado... teve resistência.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[ÁUDIO]

- Samora Machel: “Moçambicanas, moçambicanos, operários, camponeses, combatentes, povo moçambicano. Em vosso nome, às 0h de hoje, 25 de junho de 1975, o comitê central da Frelimo proclama solenemente a independência total e completa de Moçambique.”

[RAQUEL]

Vestindo uma farda bege e um quepe militar, o homem negro de barba que fez esse discurso histórico em 25 de junho de 1975 é Samora Machel, o líder revolucionário que comandou a Guerra da Independência de Moçambique durante uma década e se tornou o primeiro presidente do país.

[ÁUDIO]

- Samora Machel: “A nossa República Popular nasce do sangue do povo. Todas as camadas patrióticas se engajam na luta pela destruição das sequelas do colonialismo e da dependência imperialista pelo aniquilamento do sistema de exploração do homem pelo homem, pela edificação da base material e ideológica, político-cultural, social e administrativa de nova sociedade.

[RAQUEL]

É meio assustador pensar que Moçambique só se tornou independente em 1975. Você, que tá ouvindo, você já tinha nascido? 1975 é mais de um século e meio depois da independência do Brasil, em 1822. O discurso do Samora Machel é sobre combater as sequelas de tanto tempo de colonialismo. E já já a gente vai falar sobre isso. Mas os processos de resistência tavam presentes muito antes da independência. E nem sempre pegando em armas. A gente vai falar bastante sobre estratégias de resistência ao colonialismo aqui; sobre como elas podiam ser muito diferentes e variadas. Podiam se dar através de fugas, boicotes, de imigração, podiam se dar através da escrita em jornais, da música...e do direito. Só pra gente ter uma noção, a Gabi vai falar de um caso que ocorreu em Moçambique em 1922, quando Portugal ainda dominava Moçambique.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[GABI]

Essa história aconteceu no Norte de Moçambique, quando um homem africano se recusou a fazer trabalhos forçados. O administrador colonial não admitiu a insubordinação, prendeu e castigou o homem. Só essa recusa já era digna de nota, mas a história não acaba aí. A mulher dele, que se chamava Lourença, subiu um degrau na resistência e simplesmente denunciou o administrador em um tribunal local. Mais que isso: o caso foi julgado em Moçambique, e o administrador foi condenado nas duas primeiras instâncias. Ele teve que recorrer ao Supremo Tribunal de Justiça em Portugal, e só aí foi absolvido. O tribunal português entendeu que era um absurdo um homem branco civilizado ser condenado num tribunal da colônia em favor de um sujeito... abre aspas... “preto, primitivo e selvagem”, fecha aspas. No fim das contas, como era de se esperar, o tal administrador se livrou da acusação. Mas ficou marcado o ato de resistência da Lourença e do marido dela.

[RAQUEL]

Pois é. A resistência não tava só na batalha. Muitas vezes, ali no cotidiano, os indivíduos que tavam sendo colonizados tomavam atitudes de confronto. Seja pra algum benefício próprio, seja como uma forma de sobrevivência dentro de um sistema violento. Olhar pras ações dos colonizados do ponto de vista histórico é uma maneira de colocar essas pessoas numa posição de protagonismo. Quando os

alemães tavam ali na mesa se divertindo com o Jogo de Camarões, os rostos dos colonizados tavam estampados nas cartas, mas ninguém tava realmente interessado na voz daquelas pessoas. Por isso a ideia desse podcast é te mostrar que, assim como o colonialismo chegou à África com seu sistema opressor, os indivíduos que tavam ali, de uma forma ou de outra, encontraram maneiras de navegar, de resistir e por vezes até subverter o sistema. Assim como no jogo, as relações criam brechas, a sorte pode virar um fator relevante....A diferença é que o tabuleiro cabe em cima de uma mesa, enquanto os territórios reais são enormes e complexos, cheios de pessoas de carne e osso com seus passados, seus hábitos, suas linguagens e suas inteligências estratégicas. E as peças desse jogo real podem usar as regras a seu favor... ou simplesmente subverter as regras.

[ÁUDIO]

Nêgo Bispo: Quando nós falamos tagarelando, escrevemos mal-ortografado, quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado, quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesado, não é porque estamos errando. É porque não fomos colonizados. (aplausos).

[RAQUEL]

Trazendo um pouquinho a nossa conversa pra realidade brasileira, esse é o Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, escritor, poeta, professor e ativista quilombola do Piauí, que morreu em dezembro de 2023. Poucos meses antes, em março, ele participou dessa mesa de debates na Universidade de São Paulo... que inclusive ele chamava de...

[ÁUDIO]

Nêgo Bispo: O mais eficiente ninho do colonialismo no Brasil, que é a USP.

[RAQUEL]

Nêgo Bispo costumava usar o termo contra-colonizar, ou seja, contrariar o colonialismo.

[ÁUDIO]

Nêgo Bispo: Nós, povo quilombola, não podemos entrar nessa onda de usar o mesmo repertório. Então, já que nominar é a arte de dominar, e já que eu fui adestrador e eu sei nominar para dominar, pois está bom, eu vou agora entrar numa

guerra chamada de guerra das denominações. E na guerra das denominações, nós escrevemos o seguinte: para o colonialismo, o contra-colonialismo!

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Som das pessoas jogando o jogo de tabuleiro na feira em Moçambique.

[RAQUEL]

É isso. Em vez de jogar o jogo, às vezes é preciso partir pra um outro jogo. Com outras regras.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Homem: Aqui eram três, já aumentei, fiz um, dois, três, quatro. Então tenho que tirar os dois aqui. Agora ao lado. Agora é sua vez de jogar.

[RAQUEL]

Quando eu viajei pra Moçambique no fim de 2023 pra fazer minhas pesquisas de arquivo, eu aproveitei um fim de semana e passei na Feima, que é a Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo. Ali várias barracas vendiam um jogo de tabuleiro.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Mas eu tenho que aprender ainda a jogar. Não sei se eu entendi muito bem.

- Homem: Não custa, não custa.

- Raquel: Não parece ser tão difícil, dá para aprender.

- Homem: Mas não é difícil.

[RAQUEL]

Um jogo muito diferente daquele jogo alemão que a gente ouviu no início do episódio. Ali em Moçambique era um jogo de tabuleiro de origem africana conhecido como Mancala. Dependendo do país ele pode ter outro nome. No Brasil, por exemplo, os escravizados chamavam de Adi...ou Ayó... Em Moçambique eles chamam de Ntxuva. Geralmente é um tabuleiro fino, retangular, de madeira, com duas cavidades maiores nas pontas, chamadas de oásis. E no meio, 12 cavas menores redondinhas, em duas linhas de seis, uma linha pra cada jogador. Cada uma dessas cavas menores tem quatro sementes dentro. Eu tava ali com o Mauro

Manhanguete, que participou das pesquisas aqui do Tramas, e é moçambicano. E a gente sentou pra jogar com um dos vendedores.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: E aqui em Maputo as pessoas jogam muito ainda?
- Homem: Sim, jogam. Nos bares jogam esse jogo aqui.
- Raquel: E quanto tempo demoram mais ou menos os jogos? É rápido?
- Homem: Depende.
- Raquel: Depende da qualidade do jogador, né?
- Homem: Sim. Há quem sabe muito.

[RAQUEL]

Eu não vou conseguir explicar todas as regras aqui, mas hoje existem até umas versões online do jogo, depois procura aí, pra você entender direitinho como se joga. De início pode parecer meio complicado, porque envolve bastante raciocínio e matemática.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Homem: Terminou, tens que tirar daqui.
- Raquel: Mas é muito difícil o cálculo. É muito complicado.
- Homem: Mas é um bom jogo.
- Homem: Isso chamam de matemática africana.
- Raquel: Matemática africana (risos). E como chama o jogo?
- Homem: Ntxuva.

[RAQUEL]

Os primeiros registros desse jogo são de sete mil anos atrás. Ele é baseado na dinâmica de semeadura e colheita. E você percebe que tem ali um sentido de colaboração, porque muitas vezes você vai depositar as suas sementes na cava do seu adversário, como uma estratégia de sobrevivência coletiva.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Homem: Bum!
- Raquel: Acabou!
- Homem: Ele limpou tudo.
- Raquel: E onde é que o senhor aprendeu a jogar isso? É muito difícil.
- Homem: Não é complicado, é simples.

- Raquel: Depois que aprende fica simples. Não, eu vou ter que estudar muito para aprender.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[GABI]

No Mancala, tudo é bem diferente do Jogo de Camarões. Não tem carta com desenho estereotipando integrantes de um povo. Não tem a intenção de fazer com que os oprimidos sejam gentis com os opressores. E isso não significa que não teve guerra e dominação entre povos africanos, tá? Teve sim. Mas com perspectivas diferentes do sistema que os europeus estabeleciam nas colônias. Um sistema tão opressor, que fica aqui a pergunta: será que o colonialismo só existe enquanto a colônia existe? Quando os territórios se tornam independentes, o colonialismo acaba? E só pra registrar: a gente ainda tem nos dias de hoje territórios dominados e governados por outros países, como Porto Rico pelos Estados Unidos, Ilhas Cayman pelos britânicos, e Nova Caledônia pela França. Mas a palavra colônia não tá mais ali. Foi substituída por expressões como “territórios dependentes” ou “territórios não autônomos”.

[RAQUEL]

A questão é que, mesmo em nações que conquistaram totalmente a sua independência, a herança do colonialismo tem impacto direto no presente.

[ÁUDIO]

- Samora Machel: Nós conhecemos o que é o colonialismo.

[RAQUEL]

Aqui mais uma vez o Samora Machel, discursando sobre a herança do colonialismo em Moçambique mesmo após a independência.

[ÁUDIO]

- Samora Machel: E no mundo, Moçambique não existe. Mas existia no tempo colonial. Toda a imprensa ocidental, a bela cidade de Lourenço Marques.

[RAQUEL]

Lourenço Marques era como a atual capital, a cidade de Maputo, era chamada antes da independência. E esse nome era uma homenagem a um comerciante e colonizador português.

[ÁUDIO]

- Samora Machel: Isso era Moçambique, existia nessa altura, em todo mundo. E agora não existe Moçambique, morreu na data em que fizemos o enterro do colonialismo. Nós estamos aqui e dizemos a esses amigos nossos: aqui estamos. (canta a música) *Daqui não saio, daqui ninguém me tira. Daqui não saio, daqui ninguém me tira.* Daqui não saímos, ninguém nos tira daqui! Faça o que fizer. Faça o que quiser. Ninguém mudará a posição geográfica do povo moçambicano. Ninguém derrubará a independência de Moçambique! (aplausos)

[RAQUEL]

Desde o século 15 até as dominações mais recentes, como a de Moçambique, o colonialismo europeu serviu de propaganda pra um certo modo de viver, de pensar, de se relacionar. Uma espécie de modelo. Uma elaboração de conhecimento a partir da Europa, que determinou o padrão mundial de poder. É o que a gente conhece como eurocentrismo. A geopolítica foi configurada a partir desse parâmetro, e isso se manteve mesmo depois da independência das colônias - inclusive em territórios que não viveram diretamente o domínio colonial. Você, que tá aí escutando. Aí na cidade onde você vive, quem tá representado nas estátuas e nos monumentos? A história oficial contada nos livros dá voz pra quem? As tendências de moda, os hábitos de alimentação, os traços de comportamento, são inspirados em quem? As noções de justiça, segurança e democracia são baseadas em quê?

[MÚSICA]

Tema de transição.

[RAQUEL]

Voltando ao filósofo Valentin-Yves Mudimbe, ele afirma que a versão ideológica do eurocentrismo até pode ser destruída num período curto através de críticas constantes e ações contrárias. Mas a versão epistemológica, que fundamenta o conhecimento humano sobre o mundo, essa se mantém por muito tempo. A gente vai falar mais disso no próximo episódio. Por isso, a nossa conversa aqui no Tramas Coloniais não vai ficar presa naquele período entre o final do século 19 e meados do 20, quando a Europa dividiu e dominou aquelas fatias do bolo no continente

africano. O colonialismo não é só a dominação de um país pelo outro. Ele é uma atitude. Que existiu e que ainda existe. Que determinou e que ainda determina muita coisa na vida de muitas pessoas.

[JANAÍNA OLIVEIRA]

No próximo episódio...

[ÁUDIO]

- Som das Nyangas cantando.

[RAQUEL]

Você vai conhecer as mulheres Nyangas de Moçambique...

[BENJAMIN MACUACUA]

O Nyanga é aquela pessoa, na nossa cultura, na nossa tradição, é aquela pessoa que congrega vários saberes.

[RAQUEL]

A gente vai te levar pra dentro da casa da primeira professora universitária da Nigéria...

[FELICIA OGUNSHEYE]

And so I spent the first year being the only woman in the institution.

[RAQUEL]

E a gente vai conversar sobre produção de conhecimento.

[ÁUDIO]

- Apresentador: Ela é as duas coisas ao mesmo tempo. Ela é professora universitária, de formação, ela vem da área de História, mas ao mesmo tempo ela é praticante de medicina tradicional.

[MÚSICA]

Tema de encerramento.

[CRÉDITOS]

Tramas Coloniais é um podcast documental em sete episódios, com realização da produtora Escuta Aqui, e apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade. Em tramascoloniais.com.br você pode se aprofundar no conteúdo dos episódios, com fotos, vídeos, entrevistas, indicações de livros e bastidores da produção. Você também encontra a gente buscando por Tramas Coloniais no Instagram, no TikTok e no Bluesky. A idealização do podcast é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz. As pesquisas e as entrevistas são da Raquel e da Fernanda, com o auxílio do Mauro Manhanguete, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni. As locuções adicionais são da Janaína Oliveira e do Caio Santos. As gravações de campo e as fotografias são do Marcelo Londoño. A direção geral do podcast é do Rodrigo Alves, que sou eu, e eu também escrevo os roteiros. A supervisão dos roteiros é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos. A Clara Costa é responsável pela edição e pelo desenho de som. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A trilha sonora do podcast é original, composta pelo Gabriel Falcão. As locuções são gravadas no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente recebeu uma consultoria de locução do Tiago Rogero. A identidade visual e as ilustrações são da artista Mayara Ferrão. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a Emily Sabino cuida da distribuição e da produção nas redes sociais. Você gostou do episódio? Conta pra gente nas redes, compartilha com quem você acha que vai gostar, espalha o conteúdo por aí, e muito obrigado pela escuta.

[FIM DO EPISÓDIO]